

## 40 anos de “Uma voz diferente”: entrevista com Carol Gilligan

### Entrevista

### Carol Gilligan

---

Entrevistador e Tradução

Matheus Estevão Ferreira da Silva<sup>1</sup>

Esta entrevista faz parte do Dossiê “40 anos de ‘Uma voz diferente’: contribuições, desdobramentos e o legado das ideias de Carol Gilligan (1936-)” da Revista Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, organizado por mim e pela professora Patrícia Unger Raphael Bataglia da UNESP/Marília.

A proposta deste Dossiê, como já mencionado no Editorial deste volume, nasceu a partir de duas demandas: primeiro, de celebrar os 40 anos que o livro de Carol Gilligan (1982), *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*, completa em 2022; e segundo, de preencher uma lacuna que até hoje existe na pesquisa brasileira sobre moralidade, que é a não-abordagem ou a abordagem ínfima, parcial e/ou equivocada das ideias de Gilligan, como constatamos em pesquisa anterior (SILVA, 2020; 2021; 2022).

Meu primeiro contato com o trabalho de Gilligan se deu ainda em minha graduação em Pedagogia, especificamente ao final dela, em 2018, quando concluía uma pesquisa de Iniciação Científica. No ano seguinte, tive a honra de

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação e Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Marília, e graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras (FCL/UNESP), Campus de Assis. Foi bolsista de Iniciação Científica FAPESP em ambas graduações e atualmente é bolsista de Mestrado da FAPESP. E-mail: [matheus.estevao2@hotmail.com](mailto:matheus.estevao2@hotmail.com)

contatá-la por e-mail. Sempre receptiva e paciente em responder minhas mensagens e meus questionamentos, mantivemos contato desde então. Reitero meus agradecimentos à professora Gilligan pelo interesse e disponibilidade em participar de nosso Dossiê e de me conceder a presente entrevista.

Gilligan tornou-se referência mundial para a Psicologia do Desenvolvimento Moral, para os Estudos Feministas e os Estudos de Gênero na década de 1980, depois de publicar, em 1982, o livro *Uma voz diferente*. No dizer da *Harvard University Press*, “este é o pequeno livro que começou uma revolução”<sup>2</sup>. Com o passar dos anos, o trabalho inicial de Gilligan também foi ganhando notoriedade e sendo reconhecido por outras áreas do conhecimento, a princípio na Filosofia e no Direito, para depois na Educação, Enfermagem e outras, assim como em vários campos da própria Psicologia. Sua contribuição é incalculável e, no campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral, grande parte da atual preocupação com a renovação da literatura sobre o desenvolvimento moral, deve-se a ela.

Hoje aos 84 anos, Gilligan é atualmente professora da Universidade de Nova Iorque (2002-atualmente), sendo professora aposentada da Universidade de Harvard (1969-1997), onde conseguiu seu Ph.D. em Psicologia Social em 1964, e lecionado anteriormente na Universidade de Chicago (1965-1966) até ter sido contratada em Harvard.

A partir de meus conhecimentos prévios sobre seu trabalho, de uma ampla análise de materiais bibliográficos que o abordam e de entrevistas anteriores concedidas pela professora Gilligan, preparei inicialmente 17 perguntas, que posteriormente, com o diálogo contínuo em mensagens eletrônicas que trocamos, expandiram-se para 21 perguntas. Assim, as questões foram enviadas por e-mail

---

<sup>2</sup> GILLIGAN, C. Revisiting “In a Different Voice”. *The Harbinger*, v. 39, n. 1, p. 19-28, 2015.

dando-lhe o espaço que achasse necessário para respondê-las. Depois de revisada, encarreguei-me de traduzir a entrevista para publicação de uma versão em português (Pt-Br) junto à versão original em inglês.

Dividimos as perguntas, e suas respectivas respostas, dispostas a seguir, em quatro partes: 1) História; 2) O livro; 3) Recepção; e 4) Atualidade. As perguntas da primeira parte concerniram a sua história e aos antecedentes de seu livro *Uma voz diferente*. As perguntas da segunda parte foram sobre o processo de produção de seu livro e as ideias nele contidas. As perguntas da terceira parte foram sobre a recepção do livro, a aclamação e as críticas que recebeu, e as perguntas da quarta parte foram sobre a atualidade.

Por fim, agradeço às Editoras e aos Editores da Revista Schème pelo atendimento e aprovação de nossa proposta de Dossiê, em especial ao Rafael dos Reis Ferreira, que esteve envolvido e acompanhou de perto todo o processo para sua concretização e em todas as suas etapas.



Foto de Carol Gilligan capturada por Sabine Mirlesse - Fonte: Friedman (2020)

**I****História**

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Em outras entrevistas e falas suas<sup>3</sup>, você deixa evidente seu envolvimento em movimentos sociais nos Estados Unidos desde a década de 1960, e que a extensão disso foi o Feminismo. O que você quis dizer com isso?

**Carol Gilligan:** *Seria mais correto dizer que meu envolvimento em movimentos sociais nos Estados Unidos começou na década de 1960 e se estendeu ao feminismo. Eu diria que o feminismo é um dos grandes movimentos de libertação da história da humanidade: é o movimento para libertar a democracia do patriarcado e, como tal, endossa os direitos civis das mulheres, bem como os próprios direitos civis, bem como é um protesto contra a violência e a guerra.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Você também ressalta que sua experiência inicial na Psicologia foi um choque, pois se deu conta de que tinha uma vida muito progressista e que a Psicologia vivia sob a luz da interpretação de homens brancos com ideias que enviesavam a compressão sobre o desenvolvimento humano, a começar pelo suposto desenvolvimento inferior das mulheres.

---

<sup>3</sup> LEEAT, G. **Interview with Carol Gilligan** [Video Recording]. Psychology's Feminist Voices Oral History and Online Archive Project. New York, NY, 2009; HAMER, M. Listen to the voice: an interview with Carol Gilligan. **Women: A Cultural Review**, v. 10, n. 2, 173-184, 1999; SILVA, M. E. F. da. A crítica de Carol Gilligan ao androcentrismo e sexismo na psicologia e na produção científica. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, v. 8, n. esp., p. 67-86, 2022.

**Carol Gilligan:** *Gênero ou o desenvolvimento das mulheres não era minha preocupação inicial; meu encontro com o campo da psicologia como estudante de graduação em Harvard no final da década de 1950 e início da década de 1960 foi uma espécie de choque por causa do que me impressionou na época como uma visão reducionista ou não avançada da experiência humana e, mais especificamente, do conflito humano. Eu vim para a psicologia depois de fazer meu trabalho de graduação em literatura e, em contraste com Shakespeare e Tolstoy, James Joyce, Virginia Woolf, Faulkner e Yeats, as representações da vida humana nos estudos e pesquisas e nas histórias de caso que li me chocaram, em sua maior parte, por serem algo simples, como por exemplo em descrições como “a mãe era fria e o pai estava ausente” ou afirmações como “esta não é a maneira feliz de ser”. Só mais tarde, depois de ouvir mulheres falando sobre si mesmas e moralidade, me dei conta de que na psicologia que eu estava estudando e ensinando (as teorias de Freud e Erikson, Piaget e Kohlberg) havia implicitamente assumido que o homem (literalmente meninos e homens e para a maior parte, meninos e homens brancos) era a medida do ser humano. Na medida em que as mulheres diferiam desses homens, éramos em sua maioria vistas pelos psicólogos como deficientes em desenvolvimento, sem um senso claro de identidade ou, como Freud escreveu, incapazes de amar e tendo “menos senso de justiça do que os homens”. Isso me pegou de surpresa – a constatação de que os principais teóricos da psicologia humana não viam a omissão das mulheres em seus estudos e pesquisa ou descartavam as mulheres como exceções às suas teorias de sexualidade humana ou de identidade e desenvolvimento moral – como um problema; e, inversamente, que as mulheres, inclusive eu, ou não viram a nossa omissão ou não a consideraram uma omissão significativa. Um enviesamento de gênero (por exemplo, escolher amostras de meninos e homens para estudos sobre os seres humanos) permeou o campo da psicologia, mas na maior parte foi invisível: não reconhecido ou descartado como um problema. Como pude perceber, a psicologia havia confundido o patriarcado com a natureza.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Gostaria que você falasse um pouco mais sobre esse momento em sua vida. Como você descreveria a implicação desse envolvimento em movimentos sociais com sua atuação na pesquisa científica em Psicologia, que até então tinha esse enviesamento?

**Carol Gilligan:** *Antes de terminar minha dissertação ("Responses to Temptation: An Analysis of Motives") e receber meu Ph.D. em 1964, eu participei do Movimento dos Direitos Civis e do Movimento Anti-guerra. Promovi o recenseamento eleitoral em comunidades afro-americanas. No inverno de 1965-66, quando eu lecionava meio período na Universidade de Chicago, estava entre os membros mais jovens do corpo docente que protestaram contra o uso de notas para determinar quais alunos seriam convocados para lutar contra a guerra no Vietnã. Naquele ano, também tomei conhecimento de uma disparidade tanto na posição quanto no salário entre mulheres e homens docentes que ministravam o mesmo curso na graduação (Introduction to Modern Social Science). Foi minha introdução ao feminismo. Em retrospecto, essas experiências de ativismo social e protestos contra a injustiça, juntamente com minha experiência como uma jovem mãe vivendo em uma casa de estudantes casadas e passando um tempo com um grupo internacional de mulheres, sem dúvida aumentaram minha sensibilidade para o preconceito de raça e gênero e seu enviesamento que era endêmico no campo da psicologia, mas não enfrentei diretamente essas questões até começar a fazer minha própria pesquisa no início dos anos 1970. Meu foco, então, não era raça ou gênero, mas sim a relação do julgamento com a ação em situações reais (reais, em vez de hipotéticas) de conflito e escolha.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Em outros fragmentos de entrevistas anteriores suas<sup>4</sup>, você disse que o Professor Erik Erikson foi como um mentor para você,

---

<sup>4</sup> HAMER, M. Listen to the voice: an interview with Carol Gilligan. **Women: A Cultural Review**, v. 10, n. 2, 173-184, 1999; LEEAT, G. **Interview with Carol Gilligan** [Video Recording]. Psychology's Feminist Voices Oral History and Online Archive Project. New York, NY, 2009.

e que ele mostrou a você uma forma de trabalhar em Psicologia que tinha integridade, de que “você não pode separar a identidade dos relacionamentos” e que “história de vida e a história estão interligadas”. Como você vê a influência disso em sua jornada na pesquisa?

**Carol Gilligan:** *Erik Erikson era um artista, além de psicanalista, alguém que disse: “tudo o que tenho a oferecer é uma maneira de ver”, e porque sua maneira de ver uniu história de vida com a história, ele me mostrou uma maneira de trabalhar dentro da psicologia com a qual eu poderia me relacionar e, portanto, credito a ele por ter me trazido de volta ao campo. Erik foi um mentor para mim e ensinar com ele me inspirou. Em retrospecto, posso ver o que fiz como um reflexo do que ele advogou fazer: conectar história de vida com história. O que eu não acho que ele imaginou e o que eu não previ foi o quão perturbador seria para mim fazer o que o próprio Erikson fez. Porque eu estava trazendo as histórias de vida das mulheres para uma história que foi amplamente moldada pelos homens.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Quando você ingressou na pós-graduação, qual era o tema de pesquisa que lhe interessava inicialmente? Como você foi desse tema inicial para os temas das suas pesquisas seguintes, como Pesquisadora Assistente do Professor Lawrence Kohlberg e depois como docente em Harvard? De alguma forma sua primeira pesquisa te mostrou com o que você trabalharia a seguir? Gostaria que você falasse sobre como foi esse processo.

**Carol Gilligan:** *Eu estava interessada nas respostas das pessoas a situações reais de conflito e escolha, momentos em que as concepções de self e moralidade entram em jogo em resposta às perguntas: O que vou fazer? Ou o que devo fazer? Quem era o “eu” e qual*

*era sua concepção de moralidade? Comecei estudando os homens de Harvard que enfrentavam o recrutamento para a guerra do Vietnã e, em seguida, em 1973, quando o presidente Nixon encerrou o recrutamento e a Suprema Corte dos EUA legalizou o aborto em Roe v. Wade, eu continuei meu estudo com mulheres que estavam no primeiro trimestre de um confirmou gravidez e estava considerando o aborto. Na época, eu estava cega para o gênero – eu estava interessada em entrevistar pessoas que estavam realmente enfrentando uma situação de conflito e escolha e teriam que viver com os resultados de sua decisão. Mas eu comecei entrevistando apenas homens e depois continuei entrevistando apenas mulheres e, talvez, como resultado, a distinção e as dissonâncias nas vozes das mulheres se destacaram. O que me impressionou foi uma tendência entre as mulheres de se conceberem como estando em um relacionamento, e não separadas dos relacionamentos, e também uma preocupação com a responsabilidade e o cuidado, pelos outros e também por si mesmas, como parte integrante da moralidade.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Se eu estiver correto, você conheceu Lawrence Kohlberg em 1969 e ele te convidou para trabalhar com ele em suas pesquisas. No início, o seu interesse de pesquisa foi totalmente contemplado nas pesquisas que vocês desenvolviam juntos? Houve algum momento específico em que você começou a ter interesse em aspectos que não eram considerados por Kohlberg e os demais ou isso só foi acontecer quando você entrevistou as mulheres grávidas em clínicas de aborto e teve o que chamaríamos de uma “epifania”? Eu imagino que isso possa ter começado quando você estava ensinando uma seção do curso de Kohlberg e falando sobre a Guerra do Vietnã, mas eu gostaria que você pudesse esclarecer isso.

**Carol Gilligan:** *Conheci “Larry” Kohlberg em 1969 e depois de ler minha dissertação, ele me convidou para trabalhar com ele como pesquisadora assistente em um estudo que*

*estava conduzindo sobre o raciocínio de adolescentes sobre dilemas sexuais. Ele também me pediu para ser professora assistente em seu curso de graduação de 1970-71 sobre “Moral and Political Choice”. Larry sabia que eu estava interessado na relação do julgamento com a ação e nas respostas das pessoas a conflitos morais reais, em vez de hipotéticos, e ele me incentivou a perseguir esses interesses. Nós nos tornamos amigos e ele escreveu um endosso muito generoso para *In a Different Voice* (que você pode ver na Amazon). Quanto à experiência da epifania, ocorreu quando eu estava lendo as transcrições das entrevistas que eu e Mary Belenky (estudante graduanda na época) havíamos realizado com gestantes que pensavam em abortar. Lembro-me da sensação de um insight repentino ou de uma iluminação radical quando percebi porque psicólogos como Freud e Erikson e Piaget e Kohlberg ficaram tão mistificados com as mulheres e incapazes de encaixá-las em suas teorias de identidade e desenvolvimento moral. Ouvindo as concepções femininas de self e moralidade, eu tinha ouvido uma voz diferente – significando uma voz que diferia da voz da teoria psicológica porque falava de uma premissa de conexão ou interdependência ao invés de separação, que então mudou os fundamentos para pensar sobre self e moralidade. Em contraste ao enfoque na justiça e nos direitos, a voz diferente enfocou a responsabilidade e o cuidado, no contexto relacional de conflito e escolha.*

## II

### O livro

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Quando a Suprema Corte legalizou o aborto e você iniciou seu estudo com as mulheres em clínicas de aborto, você diz que estava cega para o gênero e que só tomou consciência da situação depois de encerrar as entrevistas que fez<sup>5</sup>. E que este foi o seu momento de epifania, come-

---

<sup>5</sup> LEEAT, G. **Interview with Carol Gilligan** [Video Recording]. Psychology’s Feminist Voices Oral History and Online Archive Project. New York, NY, 2009.

çando a fazer Psicologia Feminista a partir dali. Mas sua inquietação com a Psicologia já não era de longa data e já não se configurava como uma maneira feminista de ver a Psicologia?

**Carol Gilligan:** *Na época, eu estava cega para o gênero – não pensava que meu estudo inicial envolvendo alunos de Harvard que enfrentavam o recrutamento para a Guerra do Vietnã era um estudo de homens ou que o estudo de decisão sobre o aborto era um estudo de mulheres. Eu estava interessada na relação entre o julgamento moral e a ação em situações de conflito e escolha reais. Só mais tarde, ao ler as entrevistas com mulheres grávidas, me dei conta de que muitas estavam partindo de uma premissa de conectividade do em vez de separatividade e é por isso que psicólogos (Freud, Erikson, Piaget e Kohlberg – todos cujas teorias eu estava ensinando na época) tinha tanta dificuldade em entender as mulheres. Porque era uma voz diferente – unindo a razão com a emoção, a mente com o corpo e o self com os relacionamentos. Eu não tinha percebido até que ponto os psicólogos consideravam os homens a norma e consideravam as mulheres uma exceção e menos desenvolvidas na medida em que as diferiam do que era um padrão masculino. Antes do estudo de decisão sobre o aborto, eu não estava pensando sobre gênero e questões feministas dentro da psicologia.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Em relação ao seu trabalho junto de Kohlberg e às pesquisas que você fez posteriormente sobre moralidade, em entrevista anterior<sup>6</sup> você disse que estava mais interessada em “um paradigma de Psicologia do desenvolvimento que contivesse mais do que estruturas de desenvolvimento cognitivo, por exemplo, os conflitos e questões que se apresentam em vários estágios da vida”. Ou seja, você estava mais interessada no “conteúdo do raciocínio moral e no contexto em que a linguagem moral era usada, enquanto Kohlberg

---

<sup>6</sup> JORGENSEN, G. Kohlberg and Gilligan: duet or duel?. *Journal of Moral Education*, v. 35, n. 2, p. 179-196, 2006.

estava particularmente interessado nessa ‘fatia muito particular de... desenvolvimento’”, como você a chamou. Para mim, isso não parece estar claro para muitos pesquisadores brasileiros da moralidade. Você poderia falar um pouco disso e esclarecer qual foi seu real interesse e porque ele difere do interesse e da proposta de Kohlberg?

**Carol Gilligan:** *Larry Kohlberg costumava dizer que estava interessado em raciocínio moral e eu estava interessada na relação entre julgamento moral e ação, o que é verdade. Ele inicialmente me contratou como pesquisadora assistente para conduzir um estudo do raciocínio de adolescentes sobre dilemas sexuais, presumivelmente que eles possam realmente enfrentar. Quando escrevi sobre uma “voz diferente”, significando uma voz que difere da voz da teoria psicológica (incluindo a teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg), descrevi uma ética de cuidado que era contextual em vez de abstraída do contexto e que partia de uma premissa de interdependência em vez de independência. Comparei a ética do cuidado com a concepção de moralidade de Kohlberg como justiça e, no início dos anos 1980, escrevi que tanto o cuidado quanto a justiça eram preocupações incorporadas ao ciclo de vida humano, dado que as crianças são menos poderosas do que os adultos (e, portanto, sujeitas à opressão) e também dependentes de adultos cuidem delas, em vez de abandoná-las. “Não é justo” e “você não se importa” são expressões comuns entre as crianças e capturam essas preocupações morais. Larry Kohlberg citaria Sócrates dizendo que virtude é uma e seu nome é justiça. É nesse contexto que identifiquei a justiça como uma voz moral (não a voz moral) e descrevo uma voz do cuidado como uma voz diferente dentro desse contexto.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Sem querer parecer repetitivo em relação a pergunta anterior: sobre o paradigma estruturalista e o modelo de desenvolvimento por estágios, que você teve contato inclusive mediante o trabalho com

Kohlberg, no livro *Uma voz diferente* você descreveu estágios de desenvolvimento. Porém, seus trabalhos seguintes e de colegas são sobre orientação moral, não para afirmar um novo modelo de níveis e estágios da moralidade do cuidado. Então, inicialmente pareceu que você não quis romper com o estruturalismo, mas hoje parece que este assunto ficou para trás, como uma possível continuação de *Uma voz diferente* e que não teve continuidade. Talvez isto tenha relação com seu afastamento da conversa entre “Kohlberg” e “Gilligan”, como você disse na *AME conference* de Atlanta em 1997<sup>7</sup>, que sua voz não estava mais sendo ouvida, ou talvez isso era algo que simplesmente não te interessava mais. Gostaria que você falasse um pouco sobre isso, seu posicionamento quanto ao estruturalismo naquela época e hoje e sobre traçar um modelo de desenvolvimento por estágios da Ética do Cuidado.

**Carol Gilligan:** *Agradeço muito por você me fazer essa pergunta. É verdade: quando escrevi I a Different Voice, ainda estava pensando em termos da teoria do estágio estrutural de Piaget e Kohlberg, onde o pensamento começa como pré-convencional, depois se torna convencional e, então, o pós-convencional e o desenvolvimento consistem no movimento do pré-convencional para convencional e para pós-convencional ou pensamento autônomo. Isso foi antes de eu perceber que a própria teoria do desenvolvimento estava enquadrada em um conjunto particular de suposições culturais. A chave para a mudança a que você se refere veio dos estudos sobre o desenvolvimento de meninas que iniciei seguindo In a Different Voice (a pesquisa do “10 year Harvard Project on Women’s Psychology and Girls’ Development” que comecei com meus alunos de pós-graduação em 1981). A principal e inesperada descoberta desses estudos sobre o desenvolvimento das meninas foi a observação da resistência e o reconhecimento de que o que havia sido visto como etapas em uma progressão de desenvolvimento eram visualizados com mais precisão como*

---

<sup>7</sup> GILLIGAN, C. Remembering Larry. *Journal of Moral Education*, v. 27, n. 2, p. 125-140, 1998.

*um processo de iniciação. Assim como um corpo saudável resiste a infecções, um psíquico saudável resiste às convenções de uma cultura que separa a mente do corpo, o pensamento da emoção e o self dos relacionamentos. Em vez de pré-convencional, passei a ver o pensamento das meninas antes da adolescência como “pré-iniciado”, e a adolescência como o momento em que as meninas são introduzidas nas divisões de gênero de uma ordem patriarcal, onde a razão, a mente e o self (gendrados como masculino) são separados e elevados sobre emoção, corpo e relacionamentos (gendrados como feminino). Com essas divisões, as capacidades relacionais humanas básicas são comprometidas ou atrofiadas. Como os neurocientistas (Damasio, por exemplo) observaram, a separação da razão da emoção, em vez de significar a obtenção da racionalidade, é uma manifestação de lesão cerebral ou trauma, então psicólogos do desenvolvimento – os estudos de bebês e também meus estudos do “Harvard Project studies of girls” e os estudos com meninos que se seguiram --- passaram a ver a separação do self dos relacionamentos não como o apogeu do desenvolvimento, a obtenção de independência ou autonomia individual – mas como uma manifestação de lesão ou trauma (ver Gilligan e Snider, 2018, “Why Does Patriarchy Persist?”).*

### III

#### Recepção

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Susan Hekman, no livro “Moral voices, moral selves: Carol Gilligan and feminist moral theory”<sup>8</sup>, ressalta que embora *Uma voz diferente* não seja um livro de filosofia, ele teve importantes implicações para a Filosofia Moral. Ela considera que você não define seu projeto em termos de uma desconstrução do racionalismo e universalismo da teoria moral modernista (com o sujeito moral autolegisador de Kant como seu principal representante), mas

---

<sup>8</sup> HEKMAN, S. **Moral voices, moral selves:** Carol Gilligan and feminist moral theory. University Park: Pennsylvania State University Press, 1995.

que seu trabalho contribui significativamente para essa desconstrução, em direção a concepções que enfatizam a particularidade e a concretude. Você concorda com isso? Como você enxerga essa reverberação de seu livro em uma área que, a princípio, não era o foco dele?

**Carol Gilligan:** *Eu concordo com isso e agradeço muito os filósofos que ampliaram e expandiram o foco de meu trabalho dessa maneira. Em vários trabalhos recentes, abordei diretamente a questão da diferença em meu título, “In a Different Voice”, observando que a palavra “mulher” não aparece em meu título. Eu estava escrevendo sobre uma voz diferente (não a voz de uma mulher), e como um crescente corpo de evidências agora atesta que essa voz diferente (ou seja, uma voz que conecta o pensamento com a emoção, a mente com o corpo, o self com os relacionamentos) é uma voz humana. A voz da qual ela difere é uma voz patriarcal – a voz de gênero de uma ordem patriarcal que divide as capacidades humanas em masculinas (razão, mente e self) e femininas (emoção, corpo e relacionamentos) e privilegia o masculino. Como comecei a ver, o binário de gênero e a hierarquia de gênero são o DNA, os blocos de construção de uma ordem patriarcal. E, dentro de uma ordem patriarcal, a voz humana é uma voz de resistência (porque resiste ao binário e à hierarquia de gênero que abrangem ou minam as capacidades relacionais humanas básicas).*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Em seu artigo *The need for more than justice*<sup>9</sup> de 1987, Annette Baier escreveu que na Filosofia Moral norte-americana, considera-se a justiça como a “primeira das virtudes”, mas que houve um contramovimento ganhando força a partir de seu livro e que esse movimento partiu de setores da sociedade se espera que estejam cientes da importância da justiça, nomeadamente negros e mulheres. Ela pontua que a partir disso a justiça foi colo-

---

<sup>9</sup> BAIER, A. The need for more than justice. *Canadian Journal of Philosophy*, v. 17, n. 1, p. 41-56, 1987.

cada como apenas uma virtude entre muitas, e uma que pode precisar da presença das outras virtudes para entregar seu próprio valor incontestável. Como você vê esse movimento e a posição de vanguarda que eles te colocam?

**Carol Gilligan:** *Eu amo o trabalho de Annette Baier e aprecio muito esse movimento e a posição em que me colocaram. Ouvir preocupações sobre a justiça como voz, uma voz, abre o caminho para ouvir outras vozes, incluindo a voz do cuidado. Não acho surpreendente que as pessoas que fazem a maior parte do cuidado na sociedade – pessoas negras e mulheres – deem voz à sua importância e urgência para o florescimento e sobrevivência humana. Eu apenas acrescentaria que a psique é polivocal – e, dada a experiência humana, as preocupações com a justiça e as preocupações com o cuidado são preocupações humanas universais. Dado que as crianças são menores e menos poderosas do que os adultos e dependem do cuidado para sua sobrevivência, o clamor “Não é justo!” e “Você não se importa!” como protestos contra a opressão e o abandono, fazem parte da infância de todos.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Sobre o seu método de avaliação das entrevistas no livro *In a different voice*, que posteriormente resultou em seu “The Listening Guide Method”, em pesquisas seguintes também se passou a utilizar o sistema desenvolvido por Nona Lyons. Porém, diversas alternativas para avaliação da moralidade do cuidado também surgiram, alguns testes fechados e até uma entrevista para avaliação dos níveis e estágios da Ética do Cuidado esboçados em seu livro, sendo esse último a Ethics of Care Interview (ECI) de Eva Skoe. Gostaria de saber sua opinião sobre esses instrumentos de medida de orientação moral e a entrevista da Skoe, se você os conhece e o que acha deles. E você considera algum método de avaliação mais adequado (ou tem alguma preferência) na pesquisa psicológica sobre a moralidade do cuidado?

**Carol Gilligan:** *Assim como minha pesquisa sobre o desenvolvimento e a observação da resistência me levaram a uma crítica importante da teoria do desenvolvimento por confundir cultura com natureza, então eu vim a ver quantos métodos de pesquisa aceitos incorporam e, assim, perpetuam binaridades e hierarquias culturalmente sancionadas, tais como a separação da razão da emoção e a separação do self dos relacionamentos. Como observou o poeta Audre Lorde, “as ferramentas do mestre nunca desmontarão a casa do mestre”. É com base nisso que passei a ver as limitações no sistema de codificação desenvolvido por Nona Lyons (que inicialmente encorajei) e também no trabalho de Eva Skoe, que eu também havia inicialmente endossado. O método “Listening Guide” resiste às categorias binárias e à lógica binária dos sistemas de codificação; ao distinguir diferentes vozes e rastrear sua interação, oferece uma maneira de atender às tensões como as refletidas na pergunta que uma mulher me fez inicialmente em um de meus estudos, em resposta a um dos dilemas morais hipotéticos de Kohlberg: “Você gostaria saber o que eu acho? Ou você gostaria de saber o que eu realmente acho?” Na verdade, ela estava dizendo que passara a pensar sobre a moralidade de uma maneira diferente de como ela pensava “realmente”. O Listening Guide é um guia psicologicamente informado para ouvir; ele reflete o não-binário, assim como a lógica dos processos psicológicos, incluindo a dissociação: nossa capacidade de saber e também de não saber o que sabemos.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** O atual paradigma da Psicologia Moral que busca contemplar a complexidade do desenvolvimento moral, como considerar o aspecto afetivo enquanto considera o aspecto cognitivo, deve muito ao seu trabalho. Muitas das teorias e continuações da obra de Kohlberg apontam seu livro como um dos primeiros escritos a destacar essa questão, a importância e a necessidade de se pensar o sujeito não apenas como um ser racional, mas também como um sujeito composto, como totalidade, de aspectos afetivos e outros. Como você vê esse reconhecimento do seu trabalho e qual a sua opinião sobre esse atual paradigma da Psicologia Moral?

**Carol Gilligan:** *Eu vejo isso como uma correção importante e em consonância com o trabalho de Antonio Damásio e outros neurocientistas cujas pesquisas mostraram que a separação da razão ou pensamento da emoção, ao invés de significar o apogeu da racionalidade, é vista com mais precisão como uma manifestação do cérebro lesão ou trauma (ver Damásio, Erro de Descartes<sup>10</sup>). Na verdade, acho que os psicólogos confundiram trauma com desenvolvimento, e o atual paradigma da psicologia moral que integra cognição e afeto ou razão e emoção (junto com mente e corpo e self e relacionamentos) é uma correção importante e significa uma mudança de paradigma. Considero este um reconhecimento importante e preciso e muito gratificante do meu trabalho.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Vou pedir-lhe que fale um pouco sobre as críticas ao seu trabalho por pesquisadores da moralidade e por outras autoras feministas que dizem que você essencializa a natureza feminina, e críticas que, no caso das feministas, vêm principalmente de autoras pós-estruturalistas. Em seu livro, você deixa claro que a voz diferente que você descreve não é caracterizada por gênero, mas por tema, e que sua associação com as mulheres é uma observação empírica. Como você vê essas críticas e o que você atribui a elas persistirem?

**Carol Gilligan:** *Mais uma vez, agradeço esta pergunta. Em um ensaio recente, “Disrupting the Story: Enter Eve” (GILLIGAN, 2020, *Journal of the American Psychoanalytic Association*)<sup>11</sup>, falo diretamente sobre este ponto e como em parte sou responsável pela confusão que surgiu ao juntar a palavra “diferente” com a palavra “mulher” no título*

---

<sup>10</sup> DAMASIO, A. R. **Descartes’ error**. New York: Random House, 2006.

<sup>11</sup> GILLIGAN, C. Disrupting the story: enter Eve. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 68, n. 4, p. 675-693, 2020.

do meu livro de 1982 (*"In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development"*) e o artigo de 1977 que o precedeu, *"In a Different Voice: Women's Conceptions of Self and of Morality"*<sup>12</sup>. Isso fomentou a suposição de que a voz diferente era a voz de uma mulher – e na época em que escrevi, era difícil não a ouvir como tal porque a "voz diferente" era uma voz que conectava o pensamento com a emoção e o self com os relacionamentos, e tanto as emoções como os relacionamentos eram considerados "femininos" e pensados para comprometer as qualidades "masculinas" da razão e do self. Mas a principal mudança nas ciências humanas que ocorreu nos anos seguintes – a mudança de paradigma ou mudança relacional – agora deixa claro que, como humanos, somos inerentemente relacionais, seres responsivos, nascidos com uma voz, isto é, com a capacidade de comunicar nossa experiência e com o desejo e também a capacidade de interagir responsabilmente com os outros. A separação entre a razão e a emoção e entre o self e os relacionamentos são agora cada vez mais reconhecidos como marcadores de lesões ou traumas, resultando na perda do relacionamento. E moralmente falando, a perda ou retardo de capacidades relacionais humanas básicas abre o caminho para todas as formas de opressão e hierarquia (injustiça, descuido, a justificativa da opressão e abandono).

Em termos de essencialismo, como você observa, digo na pág. 2 de *In a Different Voice*, que a voz diferente é diferenciada não por gênero, mas por tema. Sua associação com as mulheres, como eu diria agora, reflete a realidade de que dentro das culturas patriarcais, as mulheres são uma espécie de reflexão tardia e sua iniciação nas binaridades e hierarquias de gênero de uma ordem patriarcal tende a ocorrer na adolescência, enquanto a iniciação dos meninos normalmente começa na época em que a escolaridade formal começa, aproximadamente entre 4 e 7 anos, e então é reforçada na adolescência, quando os meninos estão aprendendo, nas palavras de um dos meninos nos estudos de meninos adolescentes de Niobe Way, "como ser mais homem". Em meu ensaio de 2014: "Moral Injury

---

<sup>12</sup> GILLIGAN, C. In a different voice: women's conceptions of self and of morality. **Harvard Educational Review**, v. 47, n. 4, p. 481-517, 1977.

*and the Ethic of Care: Reframing the Conversation about differences”<sup>13</sup>, retrato o que descrevo como um tríptico de desenvolvimento, começando com a iniciação de meninos, em seguida, centrando-se nos estudos de pré-adolescentes e meninas adolescentes que levaram ao encontro de resistência e, em seguida, o painel final mostrando o reforço da iniciação com meninos adolescentes. A iniciação ao patriarcado é marcada por uma “crise de conexão” onde as crianças recebem todos os tipos de incentivos para desistir de relacionamentos (a experiência de viver em conexão consigo mesmas e com os outros), a fim de ter o que chamamos de “relacionamentos”, dentro uma ordem patriarcal.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Em seu livro, *Uma voz diferente*, há uma fundamentação na leitura de Nancy Chodorow<sup>14</sup> sobre a Psicanálise. Essa fundamentação está presente quando você aborda algumas hipóteses sobre porque as diferenças de gênero aparecem nas pessoas na idade adulta, e explora a relação disso com o cuidado e os primeiros cuidadores que a criança tem na infância. Verificamos que um dos pontos mais criticados de sua obra é essa fundamentação na Psicanálise, como a crítica de que isso traz ideias essencialistas de gênero. Gostaríamos de saber sua opinião sobre essas críticas e o que você pensa hoje sobre essa fundamentação em Chodorow em seu livro.

**Carol Gilligan:** *Com relação às ideias essencialistas de gênero, observe o seguinte parágrafo na página 2 de In a Different Voice:*

*“A voz diferente que descrevo é caracterizada não pelo gênero, mas pelo tema (itálico adicionado). A sua associação com as mulheres é uma observação empírica, e é principal-*

---

<sup>13</sup> GILLIGAN, C. Moral injury and the Ethic of Care: reframing the conversation about differences. **Journal of Social Philosophy**, v. 45, n. 1, p. 89–106, Spring, 2014.

<sup>14</sup> CHODOROW, N. **The reproduction of mothering**. Berkeley: University of California press, 1978.

*mente através das vozes das mulheres que traço o seu desenvolvimento. Mas essa associação não é absoluta, e os contrastes entre vozes masculinas e femininas são apresentados aqui para destacar uma distinção entre dois modos de pensamento e para focalizar um problema de interpretação ao invés de representar uma generalização sobre ambos os sexos. Ao traçar o desenvolvimento, aponto para a interação dessas vozes dentro de cada sexo e sugiro que sua convergência marca tempos de crise e mudança. Nenhuma reivindicação é feita sobre as origens das diferenças descritas ou sua distribuição em uma população mais ampla, entre culturas ou ao longo do tempo. Claramente, essas diferenças surgem em um contexto social onde fatores de status social e poder se combinam com a biologia reprodutiva para moldar as experiências de machos e fêmeas e a relação entre os sexos. O meu interesse reside na interação da experiência e do pensamento, nas diferentes vozes e nos diálogos que elas suscitam, na forma como nós ouvimos a nós próprios e aos outros, nas histórias que contamos sobre as nossas vidas”.*

*No que diz respeito ao trabalho de Nancy Chodorow, achei sua observação ao mesmo tempo óbvia e incisiva: como as mulheres são tipicamente mães, as dinâmicas de formação da identidade de gênero tendem a diferir para meninos e para meninas, já que para meninos, a mãe é do chamado sexo oposto enquanto que para as meninas ela é do mesmo sexo.*

*Apresento seu trabalho como uma tentativa de explicar, em suas palavras, “a reprodução dentro de cada geração de certas diferenças gerais e quase universais que caracterizam a personalidade e os papéis masculinos e femininos”. Em essência, ela está procurando explicar “a reprodução da maternidade” e atribui isso ao “fato de que as mulheres, universalmente, são em grande parte responsáveis pelos cuidados com a primeira infância”. Isso me parece o oposto de um argumento essencialista. Como escrevo, “porque esse ambiente social inicial difere e é experimentado de maneira diferente por crianças do sexo masculino e feminino, as diferenças sexuais básicas se repetem no desenvolvimento da*

personalidade. Como resultado, (novamente citando Chodorow) ‘a personalidade feminina passa a se definir em relação e conexão com outras pessoas mais do que a personalidade masculina’’. (Em uma voz diferente, p. 7).

*A teoria psicanalítica entra apenas na medida em que conecta o primeiro objeto de amor da criança (normalmente a mãe ou uma mulher) ao desenvolvimento do senso de self da criança e ao desenvolvimento moral (via complexo de Édipo). Assim, as meninas apresentavam um quebra-cabeça de desenvolvimento para Freud, e Chodorow, na verdade, explica o porquê.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Alguns pesquisadores da moralidade criticam seu trabalho alegando falta de evidências empíricas sobre diferenças de gênero no modelo Kohlberguiano e sobre a existência de uma Ética do Cuidado. Contudo, eles não parecem entender que sua argumentação desde seu livro não foi estatística, como você mesma explicou em seu artigo *Reply by Carol Gilligan*<sup>15</sup> em 1986: bastaria um sujeito não se enquadrar no modelo para a universalidade da teoria ser questionado, ou pelo menos se ressaltar que há uma outra forma de ver problemas morais. A que você atribui essa crítica? Você acha que essa dificuldade de eles entenderem sua argumentação tem relação com a concepção de ciência que esses seus críticos mantêm?

**Carol Gilligan:** *Atribuo essa crítica a uma tentativa de assimilar meu trabalho à própria estrutura que ele questiona. E eu realmente acho que essa estrutura era, até recentemente, e ainda continua a ser, de certa forma, a estrutura aceita para se pensar a psicologia. Dentro dessa estrutura (não mais vista como uma estrutura), as questões mais interessantes são: 1: as mulheres são iguais ou diferentes dos homens (sustentando assim o binarismo de gênero) e 2: se as mulheres são diferentes dos homens, quem é melhor? (sustentando assim a hierarquia de gênero). Com o Projeto de Harvard de dez anos conectando*

---

<sup>15</sup> GILLIGAN, C. Reply by Carol Gilligan. *Signs*, v. 11, n. 2, p. 324-333, 1986.

*a psicologia das mulheres com o desenvolvimento das meninas (em vez de comparar mulheres com homens) e sua principal descoberta de resistência à perda de capacidades relacionais básicas, perdi o interesse em ambas as questões acima. Como minha investigação se concentrou na questão da resistência e na capacidade da psique saudável de resistir às pressões culturais que deformariam a natureza humana ou comprometeriam nossa humanidade, perguntei: resistência a quê? Com meu livro de 2002, "The Birth of Pleasure"<sup>16</sup>, a palavra "patriarcado" entrou em meu trabalho como uma resposta a essa pergunta. Assim como um corpo saudável resiste a infecções, uma psique saudável resiste à cultura do patriarcado.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Em uma pesquisa que fizemos no Brasil sobre a abordagem de seu trabalho em artigos e em teses e dissertações<sup>17</sup>, verificamos muitos equívocos cometidos quando eles o abordaram. Dos equívocos mais simples, dizem que você foi aluna de Kohlberg, orientanda de pós-doutorado dele, etc., e dos mais graves, que você propôs uma teoria sobre o desenvolvimento moral exclusivo das mulheres, que a voz diferente foi encontrada por gênero e não por tema, ao contrário do que você esclarece desde *Uma voz diferente*. Tivemos algumas hipóteses para isso estar acontecendo, como o uso abusivo de fontes secundárias para entrar em contato com o seu trabalho e o fato de poucos de seus escritos terem sido traduzidos para o português. Gostaríamos de saber se isso também ocorre em contexto internacional, você tem se deparado com esses tipos de equívocos? E a que você atribuiria esses equívocos?

---

<sup>16</sup> GILLIGAN, C. **The birth of pleasure**: a new map of love. New York: Knopf, 2002.

<sup>17</sup> SILVA, M. E. F. da. Carol Gilligan e a ética do cuidado na produção de pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento Moral de três Programas de Pós-Graduação stricto sensu (2008-2019). **Schème - Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 12, n. 1, p. 166-204, 2020.

**Carol Gilligan:** *Sim, isso ocorre aqui nos Estados Unidos, bem como em um contexto internacional, e estou intrigada por que tantas pessoas falam sobre meu trabalho com base na leitura apenas de fontes secundárias e também nada depois de *In a Different Voice* que agora faz 40 anos. Eu realmente não sei por que isso acontece, embora eu suspeite que uma das razões pode ser porque, dessa forma, eles podem evitar suas implicações mais radicais tanto para a psicologia (e filosofia) quanto para a vida das pessoas e do mundo em geral. Sinto-me encorajada por um interesse crescente na ética do cuidado e por sua relevância ou urgência, dados os problemas que enfrentamos agora, incluindo a maior consciência dos custos do descuido em uma escala pessoal e global. Sandra Laugier, a filósofa moral francesa da Sorbonne, Patricia Papperman, a socióloga francesa que estuda o trabalho do cuidado, e o filósofo Michael Slote estão entre os líderes desse movimento para desenvolver a ética do cuidado e explorar suas implicações para a sociedade e a política neste momento.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Você tem uma grande carreira acadêmica, tanto na Psicologia como nos Estudos Feministas, e embora estejamos celebrando o 40º aniversário do seu livro, gostaria que você falasse um pouco das pesquisas que você fez depois da publicação desse livro, desde as pesquisas que resultaram em “*Meeting at the Crossroads*”<sup>18</sup> até “*The Birth of Pleasure*” e atualmente. Como *Uma voz diferente* foi construindo suas áreas de pesquisa posteriores a ele e atual?

**Carol Gilligan:** *De todas as vozes em *In a Different Voice*, a que muitas leitoras acharam a mais impressionante e perturbadora foi a voz da menina de onze anos que chamo de Amy, a única menina (e uma de duas crianças) no livro. Isso me impressionou – era uma voz que muitas mulheres reconheciam e, no entanto, aprenderam a rejeitar como ingênua*

---

<sup>18</sup> BROWN, L. M.; GILLIGAN, C. (Orgs.). **Meeting at the crossroads:** women’s psychology and girl’s development. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

ou estúpida. Na época em que terminei de escrever *In a Different Voice*, também percebi (a partir do “*Handbook of Adolescent Psychology*” de 1980) que as meninas “simplesmente não haviam sido muito estudadas. A psicologia da adolescência era a psicologia do jovem homem em larga escala”. Achei estranho que a psicologia das mulheres fosse, portanto, divorciada de suas raízes no desenvolvimento das meninas (e as principais perguntas feitas eram como as mulheres se comparam aos homens). Assim, com minhas alunas de pós-graduação (principalmente mulheres), embarquei no que acabou sendo um projeto de dez anos conduzido em uma variedade de ambientes escolares e depois da escola para aprender com as meninas sobre as experiências das meninas na transição da infância para a adolescência – de menina para mulher. Achei que foi a pesquisa mais profundamente esclarecedora que fiz, porque iluminou o fenômeno da resistência e destacou a tensão entre a psicologia humana e a cultura do patriarcado. Com minhas aulas de pós-graduação, fui coautora ou coeditei 5 livros neste projeto (“*Mapping the Moral Domain: The Contribution of Women's Thinking to Moral Development Theory and Education*”<sup>19</sup>; “*Making Connections: The Relational Worlds of Adolescent Girls at Emma Willard School*”<sup>20</sup>; “*Meeting at the Crossroads: Women's Psychology and Girl's Development*” – um livro notável do *New York Times* do ano em 1992 – “*Women, Girls, and Psychotherapy: Reframing Resistance*”<sup>21</sup>; e “*Between Voice and Silence: Women and Girls, Race and Relationship*”<sup>22</sup>).

Em seguida, escrevi *The Birth of Pleasure* para sublinhar a mudança de paradigma: do nascimento da tragédia ao nascimento do prazer, e as ramificações psicológicas das tensões entre a democracia, com base na igualdade de voz, e o patriarcado, que privava as vozes de alguns homens sobre outros homens e todos os homens sobre as mulheres,

---

<sup>19</sup> GILLIGAN, C.; WARD, J. V.; TAYLOR, J. M.; BARDIGE, B. (Orgs.). **Mapping the moral domain**: the contribution of women's thinking to moral development theory and education. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

<sup>20</sup> GILLIGAN, C.; LYONS, N.; HANMER, T. J. (Orgs.). **Making connections**: the relational worlds of adolescent girls at Emma Willard School. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

<sup>21</sup> GILLIGAN, C.; ROGERS, A. G.; TOLMAN, D. L. (Orgs.). **Women, girls, and psychotherapy**: reframing resistance. New York: Harrington Park Press, 1991.

<sup>22</sup> TAYLOR, J. M.; GILLIGAN, C.; SULLIVAN, A. M. (Orgs.). **Between voice and silence**: women and girls, race and relationship. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

e para destacar a capacidade de resistência. Em *The Birth of Pleasure*, li o antigo mito de Eros e Psiquê como um mapa de resistência, mostrando como sair da tragédia de Édipo, e meu título vem do final do mito de Eros e Psiquê: o nascimento de uma filha chamado Prazer. Com *The Birth of Pleasure*, eu mostro como minha pesquisa psicológica é ao mesmo tempo profundamente psicológica e indelevelmente política, porque a resistência saudável a perdas que comprometeriam as capacidades psicológicas básicas (empatia, leitura de mentes e cooperação – os requisitos para compreensão mútua) também assume algumas das características de uma resistência política: nomeadamente, falar a verdade ao poder.

#### IV

#### Atualidade

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Como você enxerga o campo de pesquisa sobre a Ética do Cuidado nos dias de hoje? Quais avanços e novidades? Quais seriam suas sugestões para os novos estudos? E na sua opinião, quais são os principais centros de pesquisa (onde se faz as pesquisas e discussões mais relevantes) sobre o tema na atualidade?

**Carol Gilligan:** Como mencionei, Paris é um centro de pesquisa atual para a pesquisa sobre a ética do cuidado – Prof. Sandra Laugier da Sorbonne e Patricia Papperman da EHESS. Eu acredito que você conhece alguns dos outros.

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Os desafios lançados pelo seu livro à Psicologia e outras áreas tem sido suficiente explorados? Há aspectos que foram mais explorados em detrimentos de outros que você acha que necessita de mais aten-

ção? E quatro décadas depois de sua publicação, as implicações teóricas, metodológicas e epistemológicas de seu trabalho ainda estão sendo exploradas e discutidas na pesquisa científica. A que você atribui isso?

**Carol Gilligan:** *A omissão mais óbvia e que considero surpreendente é a quase total ausência de atenção à questão de por que foi o estudo da decisão sobre o aborto que levou a este trabalho. Esse estudo é o foco dos dois capítulos centrais de In a Different Voice, mas quase nunca é discutido. Em minha opinião, foi crucial para as descobertas que se seguiram. Se eu me perguntasse por que isso foi ignorado, diria que o estudo do aborto expõe a base mais radical do trabalho: isto é, o desafio que representa para todo o arcabouço intelectual, moral e político que se baseia no pressuposto da separação. E dentro dessa estrutura ou paradigma, as experiências das mulheres, incluindo a experiência da gravidez e as decisões em torno da gravidez e do aborto, devem permanecer marginais, a fim de deixar os pressupostos prevalecentes no lugar. Porque o estudo da decisão sobre o aborto destaca a realidade da interdependência como base sobre a qual se deve considerar o significado de si mesmo e da moralidade. Em suma, força a reformulação ou mudança de paradigma.*

**Matheus Estevão Ferreira da Silva:** Há mais alguma coisa que eu não perguntei a você que seja importante para esta entrevista sobre o seu trabalho ou algo que você queira adicionar? Além disso, gostaria de saber quais seus planos ou projetos futuros no que se refere a pesquisa e escrita de livros e artigos.

**Carol Gilligan:** *Não consigo pensar em mais nada – suas perguntas tocaram em todas as questões-chave. Várias questões estão muito vivas para mim no momento atual, incluindo a questão de por que o patriarcado persiste (o título de meu livro mais recente<sup>23</sup>, em coautoria com minha ex-aluna Naomi Snider – uma advogada de direitos humanos e agora psicanalista) e também uma observação que perdura, quão prontamente as pessoas podem acessar o que passei a pensar como uma voz inferior – a voz que diz o que alguém “realmente” ou “na verdade” sente e pensa. Por exemplo, no meio do que acaba sendo sua última entrada no diário, Anne Frank escreve: “Se eu fosse muito honesta...” e, em seguida, ela reformula o problema que está enfrentando de contradição para um de relacionamento. Quanto a escrever, acabei de terminar um segundo romance e comecei a trabalhar em um livro sobre ouvir chamado *Radical Listening: A Guide*.*

*Em meu artigo de 2020, *Disrupting the Story: Enter Eve*, lembro-me de como, desde o início, meu trabalho foi reconhecido como um “perturbador”. Eu estava perturbando uma história sobre o desenvolvimento humano que não parecia verdadeira. Levei mais tempo do que imaginei para chegar às seguintes três frases que falam diretamente sobre o que têm sido as principais fontes de confusão em torno do meu trabalho, incluindo a questão de gênero.*

- 1. A voz diferente é uma voz humana*
- 2. A voz da qual ela difere é uma voz patriarcal*
- 3. Em uma sociedade ou cultura patriarcal, uma voz humana é uma voz de resistência.*

*Meus estudos de desenvolvimento e a descoberta de que a iniciação ao patriarcado normalmente começa mais tarde para meninas do que para meninos (na adolescência, em vez de no final da primeira infância) destacam por que as vozes das mulheres têm sido tão informativas para o meu trabalho e continuam a ser politicamente relevantes – o que também explica o contínuo investimento nos silêncios das mulheres ou as pressões sobre as*

---

<sup>23</sup> GILLIGAN, C.; SNIDER, N. *Why does patriarchy persist?*. New York: Polity Press, 2018.

*mulheres para não dizerem ou mesmo saberem o que “realmente” pensam e sentem. Em suma, embora a “voz diferente” seja uma voz humana, as vozes das mulheres continuam a ser críticas para trazer à tona a tensão entre a democracia (baseada na voz igual) e o patriarcado (que privilegia as vozes dos pais).*

Recebido: 20/10/2021

Aprovado: 21/03/2022